

A Cidade Vai Mudar, mas Falta Informação

A chamada grande imprensa de Porto Alegre tem um comportamento estranho no que se refere aos temas envolvendo a dinâmica de nossa cidade: na maioria das vezes, simplesmente ignora-os. Há, como em toda a regra, exceções, mas são apenas exceções. O cidadão porto-alegrense certamente terá mais informações sobre o que acontece nas capitais do centro do País e em Curitiba do que sobre aquilo que está acontecendo aqui, debaixo do seu nariz.

Parece até que os homens de imprensa da nossa cidade ignoram ou desprezam as verdadeiras revoluções urbanas que Porto Alegre vem praticando desde 1914, quando Moreira Maciel lançou o Plano Geral de Melhoramentos, propondo medidas para organizar o sistema viário da área central. Rendem-se ao marketing de Curitiba, como se fosse possível comparar duas cidades tão desiguais como a nossa e a capital dos paranaenses — com uma topografia praticamente plana, sem morros e rio a direcionarem sua expansão; bem diferente, portanto, da Porto Alegre que surgiu às margens do Guaíba e concentrou-se inicialmente na península — sua área central formal, não geográfica — até em função dos obstáculos físicos representados pelas elevações onde hoje se localizam a Duque de Caxias e a Independência.

Vai daí, Porto Alegre está mais uma vez por mudar seu Plano Diretor e os cidadãos comuns continuam desinformados a respeito. As redações de jornais em geral consideram o assunto muito técnico — e ele o é — e desistem da missão que teriam de decodificá-lo para a população. Ora, o Plano Diretor é que define o futuro da cidade e sem discussão ficará restrito ao âmbito técnico dos gabinetes e passível de introduzir inovações que, logo adiante, estabelecerão conflitos urbanos.

Um exemplo: o atual Plano Diretor, editado em 1979, tem um dispositivo que permite a instalação de atividades comerciais em determinadas zonas da cidade, mesmo naquelas até então consideradas quase que exclusivamente residenciais. Por conta disto, aliás, eu próprio estou pagando os pecados, pois foi permitido o funcionamento de um estacionamento e lavagem em um terreno lindeiro ao edifício em que resido. Como resultado, faz dois anos que tento evitar a irritação provocada pelo barulho que meus novos “vizinhos” provocam pela manhã, à tarde, à noite e na madrugada; durante toda a semana, incluindo sábados, domingos e feriados.

O novo Plano Diretor, já enviado à apreciação da Câmara Municipal, mantém e amplia este dispositivo a todas as áreas da cidade. E os técnicos consideram a atividade de estacionamento e lavagem “inócua”, ou seja, que não provoca prejuízos ao entorno! Estes técnicos, certamente, residem em locais livres de “atividades inócuas” deste tipo; e mostram enxergar muito pouco além das pranchas coloridas em cima das mesas de seus gabinetes.

Este é apenas um exemplo, bem pequeno por sinal. O Plano Diretor é muito mais do que isto. E envolve interesses poderosos, como os da construção civil. Mas se as alterações que vai receber não foram até aqui discutidas (e há três anos o Plano vem sendo elaborado) pela imprensa, que tem o dever de informar à população, o que poderemos esperar?

Eu espero, sinceramente, que a imprensa desperte do seu marasmo e passe a dar atenção ao novo Plano Diretor, pelo menos a partir do momento em que este começar a ser discutido pelos vereadores. Melhor seria se isto tivesse ocorrido antes, até para os jornalistas já estarem familiarizados com os dispositivos propostos e assim mais preparados para evitar manifestações demagógicas próprias dos anos eleitorais.

Se as minhas expectativas não se confirmarem, então teremos, como sempre, apenas exceções ocorrendo no âmbito da discussão, pela imprensa, da lei que alterará todo o perfil e futuro da nossa cidade. E, em geral, tais exceções só ocorrem porque grupos organizados, como o pessoal do bairro Três Figueiras, no caso do Projeto Hermes, reagem a alterações urbanas mais profundas.

O cidadão comum só descobrirá o que lhe reserva o futuro decidido pelos urbanistas quando já estiverem instalados, ao lado de sua residência, uma oficina mecânica, uma serralheria, um estacionamento e lavagem, ou mesmo uma academia de ginástica. Afinal, todas estas são atividades “inócuas”, do ponto de vista técnico.